



SÔNIA BARROS

Biruta

ILUSTRAÇÕES: Odilon Moraes

PROJETO DE LEITURA

Elaboração: Luísa Nóbrega
Coordenação: Maria José Nóbrega

- Leitor em processo (2º e 3º anos do Ensino Fundamental)

De Leitores e Asas

MARIA JOSÉ NÓBREGA

*“Andorinha no coqueiro,
Sabiá na beira-mar,
Andorinha vai e volta,
Meu amor não quer voltar.”*



Numa primeira dimensão, ler pode ser entendido como decifrar o escrito, isto é, compreender o que letras e outros sinais gráficos representam. Sem dúvida, boa parte das atividades que são realizadas com as crianças nas séries iniciais do Ensino Fundamental tem como finalidade desenvolver essa capacidade.

Ingenuamente, muitos pensam que, uma vez que a criança tenha fluência para decifrar os sinais da escrita, pode ler sozinha, pois os sentidos estariam lá, no texto, bastando colhê-los.

Por essa concepção, qualquer um que soubesse ler e conhecesse o que as palavras significam estaria apto a dizer em que lugar estão a andorinha e o sabiá; qual dos dois pássaros vai e volta e quem não quer voltar. Mas será que a resposta a essas questões bastaria para assegurar que a trova foi compreendida? Certamente não. A compreensão vai depender, também, e muito, do que o leitor já souber sobre pássaros e amores.

Isso porque muitos dos sentidos que depreendemos ao ler derivam de complexas operações cognitivas para produzir inferências. Lemos o que está nos intervalos entre as palavras, nas entrelinhas, lemos, portanto, o que não está escrito. É como se o texto apresentasse lacunas que devessem ser preenchidas pelo trabalho do leitor.

Se retornarmos à trova acima, descobriremos um “eu” que associa pássaros à pessoa amada. Ele sabe o lugar em que está a andorinha e o sabiá; observa que as andorinhas migram, “vão e voltam”, mas, diferentemente destas, seu amor foi e não voltou.

Apesar de não estar explícita, percebemos a comparação entre a andorinha e a pessoa amada: ambas partiram em um dado momento. Apesar de também não estar explícita, percebemos a oposição entre elas: a andorinha retorna, mas a pessoa amada “não quer voltar”. Se todos esses elementos que podem ser deduzidos pelo trabalho do leitor estivessem explícitos, o texto ficaria mais ou menos assim:

*Sei que a andorinha está no coqueiro,
e que o sabiá está na beira-mar.
Observo que a andorinha vai e volta,
mas não sei onde está meu amor que partiu e não quer voltar.*

O assunto da trova é o relacionamento amoroso, a dor de cotovelo pelo abandono e, dependendo da experiência prévia que tivermos a respeito do assunto, quer seja esta vivida pessoalmente ou “vivida” através da ficção, diferentes emoções podem ser ativadas: alívio por estarmos próximos de quem amamos, cumplicidade por estarmos distantes de quem amamos, desilusão por não acreditarmos mais no amor, esperança de encontrar alguém diferente...

Quem produz ou lê um texto o faz a partir de um certo lugar, como diz Leonardo Boff*, a partir de onde estão seus pés e do que veem seus olhos. Os horizontes de quem escreve e os de quem lê podem estar mais ou menos próximos. Os horizontes de um leitor e de outro podem estar mais ou menos próximos. As leituras produzem interpretações que produzem avaliações que revelam posições: pode-se ou não concordar com o quadro de valores sustentados ou sugeridos pelo texto.

Se refletirmos a respeito do último verso “*meu amor não quer voltar*”, podemos indagar, legitimamente, sem nenhuma esperança de encontrar a resposta no texto: por que ele ou ela não “quer” voltar? Repare que não é “*não pode*” que está escrito, é “*não quer*”, isso quer dizer que poderia, mas não quer voltar. O que teria provocado a separação? O amor acabou. Apaixonou-se por outra ou outro? Outros projetos de vida foram mais fortes que o amor: os estudos, a carreira etc. O “eu” é muito possessivo e gosta de controlar os passos dele ou dela, como controla os da andorinha e do sabiá?

* “Cada um lê com os olhos que tem. E interpreta a partir de onde os pés pisam.” *A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana* (37ª edição, 2001), Leonardo Boff, Editora Vozes, Petrópolis.

Quem é esse que se diz “eu”? Se imaginarmos um “eu” masculino, por exemplo, poderíamos, num tom machista, sustentar que mulher tem de ser mesmo conduzida com rédea curta, porque senão voa; num tom mais feminista, poderíamos dizer que a mulher fez muito bem em abandonar alguém tão controlador. Está instalada a polêmica das muitas vozes que circulam nas práticas sociais...

Se levamos alguns anos para aprender a decifrar o escrito com autonomia, ler na dimensão que descrevemos é uma aprendizagem que não se esgota nunca, pois para alguns textos seremos sempre leitores iniciantes.



DESCRIÇÃO DO PROJETO DE LEITURA

UM POUCO SOBRE O AUTOR

Contextualiza-se o autor e sua obra no panorama da literatura para crianças.

RESENHA

Apresentamos uma síntese da obra para permitir que o professor, antecipando a temática, o enredo e seu desenvolvimento, possa considerar a pertinência da obra levando em conta as necessidades e possibilidades de seus alunos.

COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

Procuramos evidenciar outros aspectos que vão além da trama narrativa: os temas e a perspectiva com que são abordados, certos recursos expressivos usados pelo autor. A partir deles, o professor poderá identificar que conteúdos das diferentes áreas do conhecimento poderão ser explorados, que temas poderão ser discutidos, que recursos linguísticos poderão ser explorados para ampliar a competência leitora e escritora do aluno.

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

a) antes da leitura

Ao ler, mobilizamos nossas experiências para compreendermos o texto e apreciarmos os recursos estilísticos utilizados pelo autor. Folheando o livro, numa rápida leitura preliminar, podemos antecipar muito a respeito do desenvolvimento da história.

As atividades propostas favorecem a ativação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão do texto.

- ✓ Explicitação dos conhecimentos prévios necessários para que os alunos compreendam o texto.
- ✓ Antecipação de conteúdos do texto a partir da observação de indicadores como título (orientar a leitura de títulos e subtítulos), ilustração (folhear o livro para identificar a localização, os personagens, o conflito).
- ✓ Explicitação dos conteúdos que esperam encontrar na obra, levando em conta os aspectos observados (estimular os alunos a compartilharem o que forem observando).

b) durante a leitura

São apresentados alguns objetivos orientadores para a leitura, focalizando aspectos que auxiliem a construção dos significados do texto pelo leitor.

- ✓ Leitura global do texto.
- ✓ Caracterização da estrutura do texto.
- ✓ Identificação das articulações temporais e lógicas responsáveis pela coesão textual.

c) depois da leitura

Propõem-se uma série de atividades para permitir uma melhor compreensão da obra, aprofundar o estudo e a reflexão a respeito de conteúdos das diversas áreas curriculares, bem como debater temas que permitam a inserção do aluno nas questões contemporâneas.

- ✓ Compreensão global do texto a partir da reprodução oral ou escrita do texto lido ou de respostas a questões formuladas pelo professor em situação de leitura compartilhada.
- ✓ Apreciação dos recursos expressivos mobilizados na obra.
- ✓ Identificação dos pontos de vista sustentados pelo autor.
- ✓ Explicitação das opiniões pessoais diante de questões polêmicas.
- ✓ Ampliação do trabalho para a pesquisa de informações complementares numa dimensão interdisciplinar ou para a produção de outros textos ou, ainda, para produções criativas que contemplem outras linguagens artísticas.

LEIA MAIS...

- ✓ do mesmo autor
- ✓ sobre o mesmo assunto
- ✓ sobre o mesmo gênero



Biruta

SÔNIA BARROS



UM POUCO SOBRE A AUTORA

Sônia Barros nasceu em 1968, na cidade de Monte Mor, em São Paulo. Desde a infância, reside em Santa Bárbara d'Oeste, também no interior do estado. É casada e tem um filho. Kursou a faculdade de Letras na Universidade Metodista de Piracicaba e deu aulas de Língua Portuguesa durante dez anos. Tem vários títulos publicados para crianças e jovens.



RESENHA

A galinha Biruta, apesar do nome, não tinha nada de maluca. Tinha ganhado esse apelido porque virava e mexia tropeçava – já não podia enxergar, e, por isso, esbarrava nas coisas e caía. Não era cega de nascença – já era crescida quando a escuridão foi chegando pouco a pouco, fazendo o milho perder a cor, até que tudo ao seu redor se tornasse definitivamente noite. Apesar do seu caráter afável, que não pretendia de modo algum causar confusão, certa madrugada acabou atordoando o galinheiro inteiro, ao despencar do poleiro. O dono do sítio, despertando repentinamente no meio da noite, decidiu que a galinha deveria ir para a panela ainda no dia seguinte, servindo de prato principal para o almoço que pretendia oferecer a seu neto, que logo mais chegaria da cidade. E, de fato, aquele teria sido mesmo o destino de Biruta, não fosse a compaixão do menino, que logo reparou naquela galinha que ficava quieta, no canto, distante das outras. Quando o avô contou que ela não enxergava, e que seria sacrificada para o almoço, o garoto pediu ao avô para deixá-la viva – queria levá-la para a cidade consigo. O

avô acabou concordando, para fazer a alegria do neto, e preparou uma macarronada. No colo do menino, em sua nova vida de bicho de estimação, Biruta conheceu afeto pela primeira vez – logo ela, acostumada que estava às bicadas das companheiras do galinheiro.

Biruta é uma história delicada e pungente a respeito da perda da visão e da relação entre homens e bichos, acompanhada por belas e sensíveis ilustrações de Odilon Moraes. Seguimos Biruta desde o momento em que vai deixando de ver, com o escuro se fazendo cada vez mais presente, até o encontro com o menino que se tornaria seu companheiro. Sônia Barros escreve uma prosa de tonalidades líricas, com um discreto jogo de rimas que nos convida a ler nas entrelinhas. As ilustrações, feitas em aquarela, conseguem o prodígio de evocar a cegueira em imagens, usando uma paleta de cores predominantemente frias e opacas, jamais vibrantes, que nos aproximam do desamparo da galinha protagonista – imagens reflexivas que de alguma maneira estendem a temporalidade da história, evocando gestos que não vemos.



QUADRO-SÍNTESE

Gênero: conto infantil.

Palavras-chave: animais, existência, cegueira, diferença, compaixão.

Áreas envolvidas: Língua Portuguesa, Filosofia.

Temas contemporâneos tratados de forma transversal: Saúde; Vida familiar e social; Educação alimentar e nutricional.

Público-alvo: Leitor em processo (2º e 3º anos do Ensino Fundamental).



PROPOSTAS DE ATIVIDADES

Antes da leitura

1. Revele aos alunos o título do livro. Será que algum deles sabe o que significa a palavra “biruta”? Desafie-os a descobrir.
2. Mostre aos alunos as imagens da capa e da quarta capa do livro. A capa mostra uma imagem incomum: um menino que leva uma galinha pela coleira. A quarta capa mostra um homem idoso adormecido, enquanto uma galinha interage com seus pintinhos. A quem será que se refere a palavra “biruta” do título? Ao menino, ao idoso ou a uma das galinhas?
3. Leia com a turma o texto da quarta capa, que, por fim, revela quem é Biruta. Que espécie de desafios e desventuras imagi-

nam que uma galinha cega pode enfrentar? Estimule-os a criar hipóteses sobre o desenrolar da trama.

4. Chame a atenção para a dedicatória do livro, na página 2. Comente com eles que, se o livro aparece dedicado a Biruta, provavelmente houve uma Biruta que de fato existiu. Por que será que alguém escolheria dedicar um livro a alguém que não pode lê-lo? O que pode significar “ver com os olhos de dentro”?
5. Chame atenção para o sumário do livro. A que acontecimentos as crianças imaginam que os títulos *A chegada do escuro* e *A descoberta* podem fazer referência?

Durante a leitura

1. O livro começa com uma apresentação de Biruta e, logo em seguida, retrocede um pouco no tempo para contar como se deu a chegada da sua cegueira, e de que modo essa nova condição transformou a convivência da galinha com os demais habitantes do sítio, que até então costumava ser tranquila. Chame atenção para o fato de que o ritmo da narrativa se altera bastante depois do episódio em que Biruta desperta o dono do sítio: da predominância do pretérito imperfeito, que apontava para o fluxo do cotidiano da galinha, passamos ao pretérito perfeito, para narrar uma série de eventos pontuais que mudaram de forma determinante seu futuro. Ajude os alunos a perceber como se constroem no texto essas oscilações de modos de narração e passagem do tempo.
2. Veja se os alunos percebem que, apesar de se tratar de um texto em prosa, ele é todo permeado de rimas. Sugira que tomem nota das duplas de palavras que rimam entre si.
3. Diga aos alunos que procurem perceber a maneira delicada com que o ilustrador evoca a cegueira da galinha em imagens. Proponha que estejam atentos para a oscilação entre os momentos de dia e noite nas imagens: quando elas dizem respeito simplesmente à hora do dia em que transcorrem os acontecimentos, quando evocam também o estado interno dos personagens?
4. Peça aos alunos que prestem atenção aos jogos de luz e sombra, criados de modo econômico, porém muito preciso pelo ilustrador, fazendo uso da aquarela.

Depois da leitura

1. No início do primeiro capítulo, lemos: *Era uma vez uma galinha que não era do vizinho nem botava ovo amarelinho. Não era galinha inventada, tirada de histórias ou parlenda.*

Certamente, os alunos conhecem a parlenda *A galinha do vizinho* a que o texto se refere – caso não a conheçam, ensine-a. Aproveite para apresentá-los a algumas parlendas folclóricas brasileiras – pequenos versos rimados da tradição oral, em que o jogo entre sonoridade e sentido se torna brincadeira – por vezes trava-línguas, por vezes parlendas de acumulação, por vezes versos rimados que dão ritmo a brincadeiras com as mãos, às vezes bastando-se como puro jogo de palavras. Recomendamos o livro *Salada saladinha: parlendas*, de Maria José Nóbrega e Rosane Pamplona, publicado pela editora Moderna.

2. Biruta por pouco não foi para a panela, por causa de sua cegueira, não fosse a piedade do neto do dono do sítio. A galinha do musical *Os saltimbancos* (de Sergio Bardotti, com música de Luis Henriquez Bacalov, inspirado no conto de Grimm *Os músicos de Brêmen*, que no Brasil ganhou versão em português e canções adicionais de Chico Buarque) foge da fazenda em que vivia presentindo a morte certa, unindo-se ao jumento, ao cachorro e à gata, em busca de liberdade. Escute com seus alunos a canção *A galinha*, cantada por Miucha, disponível no YouTube.
3. Uma das mais importantes escritoras brasileiras contemporâneas, Clarice Lispector, tinha verdadeira obsessão por ovos, galinhas e pintinhos. Em um de seus livros para crianças – *A vida íntima de Laura* – publicado pela editora Rocco, a autora nos desvela a vida pacata de Laura, uma simpática galinha não muito inteligente sempre entretida com seus próprios “pensamentozinhos e sentimentozinhos”, que tem muito medo de morrer e que, sem nunca sair do galinheiro, conhece um certo habitante de Júpiter. Com certeza, as crianças se interessarão por conhecer a vida íntima de uma galinha adulta. Promova uma leitura compartilhada do livro.
4. Para que as crianças possam se aproximar um pouco mais da experiência de alguém que não pode ver, proponha aos alunos que realizem, em duplas ou trios, um pequeno jogo. Traga tapalhos ou pedaços de tecido que possam servir de venda, de modo que cada pequeno grupo disponha de um. Proponha então que uma das crianças do grupo tenha os olhos cobertos pela venda, enquanto a(s) outra(s) lhe servem de guia, levando-a com cuidado a mover-se pelo espaço da escola e oferecendo-lhe objetos para segurar. Deixe algum tempo para essa exploração e depois proponha que alternem os papéis. Ao final, converse com a turma sobre as sensações vividas durante o experimento: como o tato e a audição se transformam, na ausência da visão? De que maneira se transformou sua relação com o espaço em que estavam? Como é a experiência de precisar contar com a ajuda de outra pessoa?

5. Mostre aos alunos as belíssimas imagens fotografadas por Evgen Bavcar, um fotógrafo esloveno que perdeu a visão em dois acidentes que teve antes mesmo de completar doze anos, mas que descobriu na fotografia uma maneira de se apropriar de imagens que não pode ver, mas imagina. Selecione na internet algumas imagens do artista para compartilhar com a turma.



LEIA MAIS...

DA MESMA AUTORA

- *Coisa boa*. São Paulo: Moderna.
- *Diário ao contrário*. São Paulo: Atual.
- *Letras cadentes*. São Paulo: Atual.
- *O que é que eu faço, Afonso?* São Paulo: Atual.
- *Tatu Balão*. Belo Horizonte: Aletria.

SOBRE O MESMO GÊNERO

- *A mulher que matou os peixes*, de Clarice Lispector. Rio de Janeiro: Rocco.
- *Quase de verdade*, de Clarice Lispector. Rio de Janeiro: Rocco.
- *Hoje não quero banana*, de Dorothee de Monfreid e Sergio Donno. São Paulo: WMF Martins Fontes.
- *Os ovos de Dora*, de Julie Sykes. São Paulo: Ciranda Cultural.
- *Ganso maluco*, de Jan Orderod. São Paulo: Martins Fontes.



LEITURA EM FAMÍLIA

A leitura, quando não é estimulada no ambiente familiar, acaba sendo percebida pelas crianças como uma prática essencialmente escolar. No entanto, estudos revelam que, se pais, avós, tios, padrinhos leem em voz alta com os pequenos e conversam a respeito do conteúdo lido, essas vivências ajudam as crianças a gostar de livros, aguçam a criatividade e diversificam sua experiência de mundo.

É por acreditar que a leitura deve ser vivenciada regularmente não apenas na escola que a Moderna desenvolve o programa "Leitura em família", para proporcionar uma interação cada vez maior com os filhos e se integrar mais com a escola na missão de educar.

No final do livro, é possível encontrar o *link* com sugestões para aproveitar o máximo desta obra em família.

Reforce essa ideia com a família de seus alunos!